

**AS RELAÇÕES ENTRE PARANISMO E MUSEU PARANAENSE:
CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE E SOCIABILIDADE CURITIBANA
A PARTIR DO JORNAL A REPUBLICA (1902-1922)**

Barbara Fonseca¹

Amanda Cristina Nery Venancio da Silva²

Resumo: No presente artigo, buscamos trabalhar as relações constituídas entre o Movimento Paranista e o Museu Paranaense ao longo da gestão de Romário Martins enquanto diretor da instituição (1902-1928). Martins criou o Centro Paranista e desenvolveu diversas atividades para o fortalecimento desse movimento. Nesse sentido, questionamos as suas ações no museu que poderiam contribuir para organização e divulgação da identidade paranaista. Para responder nossos questionamentos, analisamos como fonte o jornal *A Republica* e encontramos como resultados a percepção de que o Museu Paranaense realizou um importante papel para exaltar o Paraná, bem como a noção de paranista, uma vez que esse era um espaço de sociabilidade na capital que trabalhava com o anseio paranista, com as temporalidades passado, presente e futuro; e permitia elogios a região.

Palavras-chave: Museu Paranaense; Movimento Paranista; Sociabilidade.

**THE RELATIONS BETWEEN PARANISMO AND PARANAENSE MUSEUM:
CONSTITUTION OF A CURITIBAN IDENTITY AND SOCIABILITY BY
NEWSPAPER A REPUBLICA**

Abstract: In this article we look to understand the relation between the Paranaense Museum and Paranista Movement that was constructed in Romario's Martins direction of the institution (1902 - 1928). These two movements happened at the same time. In paranaense historiography Martins were knowed as "Father of Paranismo" since he has created the paranaense center and made lots of actions to improve this movement. In that way, our main question is about possible relations between the museum and the Paranista movement. At the same time, we look for actions made by the museum that have helped in the construction of this movement and the divulgation of it. Searching the answer for these questions the main source was the paper *A Republica* where we find out as result that the museum has had an important role in exalt the Paraná state as well the Paranista notion,

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Residente técnica do Departamento de História do Museu Paranaense entre 02/2022 e 05/2023. Contato: fonsenca.bah@gmail.com.

² Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Estagiária do Museu Paranaense entre 10/2021 e 06/2023. Contato: amandacristina376@gmail.com.

since the institution was a place for sociability in the paranaense capital, having the same impressions as the Paranista intent with temporalities past, present and future getting compliments for the museum and, in the same way, for the state.

Keywords: Paranaense Museum; Paranista Movement; Sociability.

Introdução

Nas primeiras décadas do século XX, Curitiba passou por um momento de urbanização devido à ascensão de uma burguesia ervateira na cidade. Pavimentou seu centro, aumentou a instalação da energia elétrica e, entre outras coisas, adquiriu novas formas de registro, como câmeras fotográficas e filmadoras. Essas ações, juntamente à ampliação da imprensa e à criação de obras de arte, fizeram parte do Movimento Paranista ou Paranismo³. O movimento buscava a modernização e a constituição de uma identidade para o estado do Paraná, tendo como principais símbolos a natureza paranaense, a partir do Pinheiro do Paraná e do Pinhão, e a construção de um passado mítico de acordo com a criação de lendas indianistas⁴.

Concomitantemente a esse movimento, de 1902 a 1928, o Museu Paranaense foi dirigido por Romário Martins (1874 – 1948), historiador, jornalista, político e um dos principais líderes paranistas. Em sua gestão, a instituição se tornou um espaço de sociabilidade e elaboração do Paranismo, e são nessas relações que estabelecemos nosso ponto de partida para o desenvolvimento do presente artigo. Isto é, questionamos a função, a relevância e a participação do museu na constituição da identidade gestada.

³ Vale ressaltar que apesar de o Movimento Paranista e o Paranismo não serem, necessariamente, sinônimos, aqui falaremos sobre o mesmo período histórico. Assim como trabalham Salturi (2014) e Fonseca (2022), o Movimento Paranista pode ser entendido como a expressão prática do Paranismo, que seria a idealização da identidade paranaense. Enquanto o primeiro é datado no início do século XX, o Paranismo se deu em fins do século XIX e permanece até a atualidade.

⁴ O Movimento Paranista, apesar de ter se enfraquecido com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder em 1930, conseguiu constituir a identidade paranaense almejada, visto ainda hoje observarmos nas ruas de Curitiba símbolos criados nesse momento, como a rosácea paranista nas calçadas. Além disso, ainda percebemos a permanência de grande divulgação política sobre os ideais do que seria um paranaense: “aquele que ama e trabalha pelo Paraná” (MARTINS, 1946).

O Museu Paranaense foi criado em 1876, por Agostinho Ermelino de Leão e José Cândido Muricy, e incorporado pelo Governo da Província do Paraná em 1882. Foi o primeiro museu do estado, tendo iniciado seu acervo com cerca de 600 peças. Na gestão de Martins, conforme discutiu Rodrigues (2018, p. 290), o museu passou a se organizar de acordo com o campo da História Natural e a ter maior preocupação com a construção do conhecimento, procurando adquirir material arqueológico e etnológico e a desenvolver pesquisas sobre os povos indígenas do Paraná. Apesar de não ter conseguido continuidade, Romário Martins publicou um primeiro Boletim do Museu Paranaense, em 1904, buscando veicular publicações científicas sobre as temáticas presentes dentro da instituição. Nesse período, o museu ainda se aproximou de outras organizações paranaenses, como o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

Partindo, assim, dessas percepções e das questões apresentadas inicialmente, para realizar esta pesquisa, além de nos alinharmos com a bibliografia mais recente sobre a temática, a partir dos livros de Ricardo Rodrigues (2018) e de Cíntia Carneiro (2013), temos como fonte o jornal *A Republica*, dos anos de 1902 a 1922⁵. Com essas leituras e análises, muito se vê a veiculação do Paranismo e do nome de Martins junto ao do museu e vice-versa, como também se percebe a instituição como um espaço de sociabilidade; de exaltação das belezas do Paraná; e da criação de conteúdos sobre o estado.

A escolha desse jornal como fonte se dá por três motivos principais, quais sejam: a maior quantidade de matérias sobre o Museu Paranaense em *A Republica*, em comparação com outros periódicos paranaenses do período; a observação de que muitos dos textos sobre a instituição publicados em outros jornais repetem os conteúdos presentes em *A Republica*; e o fato do jornal fazer parte do círculo do Clube Republicano, bem como dos idealizadores da identidade paranista, tendo Romário Martins como seu editor-chefe

⁵ O intuito inicial de nossa análise era trabalhar com os exemplares de 1902 a 1928, abrangendo todo o período de direção de Martins, contudo, devido às adversidades do trabalho do historiador, a partir de meados de 1922 não encontramos mais as edições de *A Republica*. A pesquisa foi realizada entre os acervos do Museu Paranaense, Biblioteca Pública do Paraná, Casa da Memória de Curitiba e Hemeroteca Digital. Em nenhum desses espaços de memória existem maiores informações sobre a localização dos periódicos a partir de 1922 até o ano de 1928.

por vários anos. Para este trabalho com fontes históricas, assim, segue-se a metodologia de trabalho com periódicos expressa por Tânia Regina de Luca (2008), em seu capítulo “História dos, nos e por meio dos periódicos”. Para tanto, buscamos nos atentar sobre a localização espaço-temporal que A Republica fazia parte, bem como quem foi o grupo responsável por sua criação e publicação, quem eram seus colaboradores e a qual público se destinava essa leitura.

É importante ressaltar ainda que, a fim de compreender o Museu Paranaense como um espaço de sociabilidade paranista, trabalha-se aqui com os estudos desse conceito apresentado por Luiz Carlos Ribeiro (2019) no livro *O que é sociabilidade?*. Nesse sentido, possuímos como premissa a noção de que sociabilidade é

(...) um modo de convivência, mais ou menos formal, quase sempre associado à confiabilidade pessoal de estar junto - o que pressupõe algo como ‘estar entre iguais’ - seja em atividades lúdicas e prazerosas como festas, bares, cafés ou outras maneiras menos formais de encontro, seja nas mais formais como as maçonarias ou as irmandades (RIBEIRO, 2019, p. 55).

Diante dessas considerações, nosso texto está dividido em dois subtítulos principais. Neles, buscamos discutir: i. a bibliografia acerca do Paranismo, do espaço museal e do jornal *A Republica*; e ii. de que maneira o Museu Paranaense é apresentado nas páginas do respectivo periódico, trabalhando as relações de sociabilidade e exaltação da identidade paranista a partir das ações ocorridas e divulgadas pela instituição.

Paranismo, discussão historiográfica e fontes históricas

Segundo Romário Martins, o termo paranista surgiu em 1906⁶, no norte do estado do Paraná, quando o poeta Domingos Nascimento visitou a região e percebeu que a população local, em analogia ao gentílico “paulista”, chamava-se de “paranista” e não “paranaense” (PEREIRA, 1998, p. 79). A expressão foi assimilada pelo Movimento Paranista, uma vez que poderia representar moradores do estado que não necessariamente eram nascidos no Paraná.

⁶ Mas passou a ser usado com frequência para dominar o movimento e seus participantes a partir de 1927, quando Romário Martins fundou o Centro Paranista.

Assim, o paranista seria aquele com afeição pela região, que trabalhava para o seu crescimento, sem necessariamente ser paranaense. Com essa estratégia, fazia-se possível encaixar principalmente os imigrantes europeus na identidade que estava sendo gestada, sobretudo como forma de tecer comparações entre o Paraná e o velho continente.

A constituição dessa identidade pode ser entendida a partir do contexto econômico da expansão da venda da erva-mate em Curitiba e do surgimento de movimentos regionalistas no país logo após a Proclamação da República, momento em que o poder é descentralizado da figura do imperador D. Pedro II e há o fortalecimento do governo federativo no país (PEREIRA, 1998). Nesse período, com o intuito de romper o estigma de ser um local de pouca expressão nacional, o Paraná passou a buscar símbolos, artes, heróis e a urbanização de sua capital.

O Paranismo, juntamente a seu caráter regionalista e identitário, constituiu-se como um movimento político, social e cultural, isto, principalmente a partir da elite curitibana e de artistas que viam no movimento um caminho para a ascensão social (CAMARGO, 2007). O movimento contava com a participação de oficiais do Estado, intelectuais, jornalistas e artistas, como Romário Martins⁷, João Baptista Groff, João Turin, Lange de Morretes e Zaco Paraná. Nesse sentido, desenvolveu-se por várias frentes, de acordo com a encomenda de estátuas de “heróis” paranaenses pelo governo do Estado — como é o caso do busto de general Carneiro ainda hoje presente na cidade da Lapa-PR; da realização de eventos comemorativos; da publicação de revistas e jornais; e da criação de artes visuais com temáticas diversas.

O Museu Paranaense desempenhou um papel crucial na criação desse movimento, visto que Romário Martins, seu diretor, abriu o espaço para a articulação dos símbolos e ideais paranistas na instituição. Essa relação se intensificou porque o Museu Paranaense foi, nesse momento, local absoluto para a discussão da história e da memória paranaense. Junto a isso, o Paranismo buscava, no passado, a legitimação de seu presente e de suas ações futuras.

⁷ Romário Martins conseguiu bolsas de estudo para alguns artistas paranaenses, como João Turin, realizarem suas formações na Europa.

Conforme afirmou Luis Pereira (1998, p. 117), “se nenhuma ligação com os símbolos do passado paranista fosse criada, os símbolos cairiam no vazio, se não no ridículo”. Dessa maneira, apesar do Movimento Paranista ser marcado por anseios de progresso e modernização, o passado, mesmo que forjado, serviria como constituição das bases do “ser paranaense”.

Com seu surgimento datado do fim do século XIX, a pouco mais de vinte anos da emancipação da recém Província do Paraná, o Museu Paranaense foi criado como instituição privada. Sua estruturação acompanhava o ritmo mundial das instituições museais: um gabinete de curiosidades aberto ao público. Tais gabinetes, inerentes ao contexto dos objetos e sua relação usual, cultural ou social, configuravam a ideia de um colecionismo que despertava curiosidade.

Elevado a espaço público em 1882, em dezembro, o Museu Paranaense teve o seu primeiro regulamento, que promoveu sua divisão nas seções de antropologia, zoologia e paleontologia animal; botânica em geral e paleontologia vegetal; mineralogia e geologia; e, por fim, arqueologia, etnografia e numismática. Esse arranjo vai ao encontro da ideia corrente no mundo ocidental, de que o museu se apresentava como *locus* de elaboração e interpretação da cultura material (BREFE, 1998). Tal reconfiguração não necessariamente rompeu com o colecionismo corrente, mas reorganizou sua elaboração e apresentação a partir de preceitos científicos.

Em nota no periódico *Dezenove de Dezembro*, sobre a configuração do regulamento do Museu Paranaense, observamos as seguintes interpretações e indicações acerca da destinação da instituição:

Art. 1º: O Museu Paranaense, estabelecido nesta capital em edifício próprio provincial, é destinado a coleger e conservar sob a sua guarda, devidamente classificados, os productos naturaes e industriaes que interessam ao estudo da história natural ou que mostrem as riquezas da província e quaequer curiosidades em geral [.sic] (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1883 ed. 69, p. 1).

Entre seus propósitos, encontramos a conservação e classificação de objetos inerentes à História Natural que correspondiam as riquezas da província. Assim, entendemos o museu como um possível espaço de representação e legitimação do estado, de maneira que a instituição se constituía

como um dispositivo de autenticidade⁸. De acordo com essa ideia, o Museu Paranaense adentrou a década de 1900 como um importante local público e, por conseguinte, de sociabilidade.

Com Romário Martins em sua direção entre os anos de 1902 a 1928, também existiram alterações na estruturação do Museu Paranaense, assim, à vista desses caminhos seguidos ao longo dos anos, entendemos que o museu se configurou de acordo com a articulação entre sociabilidade, identidade e memória. Sociabilidade, pois representava um dos únicos espaços culturais existentes em Curitiba, frequentado por diversas pessoas e tido como lugar de vários eventos, conforme veremos a seguir. De identidade, pois tinha o propósito de expor as riquezas naturais da região, bem como representar o estado. De memória, pois constituía-se enquanto um espaço de rememoração do passado ocidental e paranaense.

Tais aspectos podem ser atrelados ao que Ulpiano de Meneses (2018) apresentou como a junção entre o cognitivo e o afetivo dentro de um museu. Isto é, a concepção de que as ideias e ações estabelecidas por esses espaços acabam por tangenciar essas duas dimensões citadas, que podem ser traduzidas como científico e sentimental, racional e irracional. A argumentação de Meneses, assim, revela uma dinâmica entre esses dois pontos, nos quais se percebe o espaço museal como um local de movimento, criação e também para ser sentido e experienciado.

Em nosso objeto de estudo, é possível pensar que o Movimento Paranista encontrou no Museu Paranaense e na figura de seu interlocutor Romário Martins a possibilidade de articulação entre o afetivo e o cognitivo. O afetivo carregado de sentimento pelo Paraná, de ser paranista, fazer e sentir pertencer ao território paranaense, materializou-se a partir do cognitivo, com os variados estudos de Martins sobre o estado, como suas pesquisas de cunho originário buscando raízes para a região, principalmente por meio do indianismo.

Ao se apresentar como um espaço de sociabilidade, o Museu Paranaense acabou por concentrar tal articulação. Isso não apenas por meio da reali-

⁸ O dispositivo de autenticidade, nesse caso, coloca-se como meio para autenticar, ou seja, dar validade ao projeto de nação em suas diferentes instituições. O museu se encaixa enquanto uma possibilidade de se fazer valer tal projeto de nação (FOUCAULT, 1989).

zação de eventos e exposições, mas também pela possibilidade dialética criada a partir da reforma institucional promovida pelo então diretor. Além de um espaço aberto ao público, o museu procurava, como indicado no Boletim do Museu Paranaense de 1904, promover uma reforma que empenhasse importante esforço em organizar e classificar os objetos do museu. Com um apelo científico, essa nova fase é caracterizada metodologicamente.

Selleccionado o material existente, dispostas com methodo as collecções, concluido um fatigante trabalho de classificação, - o Museu Paranaense está hoje encarreirado, aproando certo para um ponto, distante embora, e que é a sua identificação com os congeneres no paiz [.sic] (MUSEU PARANAENSE, 1904, p. 4).

Alocado sempre na região central de Curitiba, o Museu Paranaense, no período que foi dirigido por Romário Martins, passou por três sedes: entre 1902 a 1913, situado na esquina entre as ruas Dr. Muricy e Cândido Lopes; no segundo período, de 1913 a 1928, no Salão Tívoli, localizado na Rua São Francisco; e, por fim, a última sede que Martins esteve à frente da direção da instituição, em 1928, foi na rua Buenos Aires.

Cíntia Braga Carneiro (2013), em sua dissertação de mestrado, realiza o que acreditamos ser o primeiro esforço de fôlego para pensar a relação entre o Museu Paranaense e o Movimento Paranista. Em seu trabalho, a historiadora levanta a hipótese — com a qual concordamos — de que, durante a direção de Romário Martins, a instituição “contribuiu para a construção de uma identidade para o estado do Paraná de forma mais determinada”. Para isso, trabalhou com uma miríade de fontes, que são: periódicos, documentos oficiais do estado, Boletim do Museu Paranaense (1904) e outras publicações avulsas do museu.

Devido ao grande número de fontes trabalhadas, Carneiro acabou por desenvolver um sobrevoo da temática em seu trabalho, assim, aponta formas possíveis para se observar a constituição da identidade paranista a partir do Museu Paranaense. No caso, essa situação se desdobrou com a aquisição, por Martins, de materiais arqueológicos e etnológicos com fins de estudos de cunho científico. Nesse caminho, ele explorou a temática no Boletim criado, que também foi oficializada em lei estadual,

(...) obrigando os comissários de medição de terras a remeterem ao Museu Paranaense artefatos indígenas, objetos fósseis, bem como amostras de minerais encontrados em suas explorações. As despesas com o transporte destes objetos correriam por conta do Estado" (CARNEIRO, 2013, p. 107).

Ainda, a autora explorou outros três pontos em sua dissertação: desenvolveu uma tabela com o número de visitantes do Museu Paranaense de 1902 a 1928, comparando com a população local a fim de entender a frequência de visitação pela população de Curitiba; observou as relações do museu com outras instituições que Martins fazia parte em Curitiba, que também tiveram seu papel na constituição da identidade paranaense, como o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense; e analisou a participação do Museu nas exposições do Cinquentenário da Província do Paraná e na Exposição Nacional de 1908.

A partir desses pontos, Cíntia Carneiro (2013, p. 168) firma seu argumento principal de que o "o museu se constituiu em uma espécie de 'laboratório' para o paranismo", visto ser um espaço pensado por Romário Martins para expor suas ideias, anteriormente à fundação do Centro Paranista, criado quatro meses antes dele deixar o cargo de diretor.

A obra de Carneiro tem a capacidade de condensar as diversas direções que o Paranismo assumiu dentro do Museu Paranaense durante a atuação de Romário Martins. A partir de seu trabalho, observamos o museu como um espaço de elaboração da identidade paranista e aqui buscamos aprofundar o estudo dessa ação. Para isso, contamos como fonte de pesquisa o jornal *A Republica*, entre os anos de 1902 a 1922, e pretendemos analisar as relações de sociabilidade paranista proporcionadas pela instituição.

O jornal foi criado no final do Brasil Império, em março de 1886, por Eduardo Mendes Gonçalves, engenheiro curitibano, e teve sua última edição em 1930 (PILOTTO, 1976). Proveniente do Clube Republicano, órgão de defesa dos princípios republicanos no Paraná, buscava sua representação em uma luta simbólica que procurava manifestar tal interpretação do mundo social nas redações, encontrando nos militares e republicanos a resposta para a reorganização do país. Romário Martins, que iniciou sua carreira como auxiliar de tipografia, participou como redator em diferentes jornais do Paraná, inclusive no *A Republica*, de 1896 até a década de 1920.

Quando se lê o respectivo jornal, facilmente se percebe a exaltação do museu e, por conseguinte, do estado do Paraná em suas páginas. Isto principalmente a partir de matérias em que se apresenta a aquisição de acervos pelo Museu Paranaense, que representavam características positivas de personalidades grandiosas do estado. Além disso, há a presença de notas publicadas sobre a visitação ao museu de autoridades e intelectuais do período, que, segundo o jornal, muito elogiavam suas coleções e organização. Dentre esses excertos, trabalharemos nosso argumento de que, a partir dos encontros tecidos na instituição — sejam eles do presente com o passado, ou dos coetâneos paranaistas —, se fortaleceu a identidade paranaense e paranista, ao passo que foi discutida, representada e divulgada pelo museu entre sujeitos plurais.

O Museu Paranaense como espaço de convívio e exaltação paranista

Conforme indicado no início deste artigo, iremos nos deter em dois pontos de análise principais que se interligam: i. as relações de sociabilidade curitibana proporcionadas pelo espaço museal e ii. a exaltação da região por meio da visitação e de elogios tecidos por autoridades ao Museu Paranaense, bem como de acordo com a aquisição de acervo de “heróis” do estado.

Ao termos as páginas de *A Republica*, observamos o Museu Paranaense como um local onde são feitas reuniões, exposições e organização de comissões, sendo as três atividades voltadas para eventos e ações não dirigidas pelo museu.

Isto é, sabemos da realização de reuniões de grupos que não possuíam como motivo de sua existência a instituição, a exemplo da reunião de associados da Cooperativa do Trabalho (*A REPUBLICA*, 08/09/1902) e da reunião da imprensa paranaense (*A REPUBLICA* 03/08/1904), essas duas ocorridas, respectivamente, em 1902 e 1904; e, ainda, da reunião do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense (IHGPR), em 1921 (*A REPUBLICA*, 27/12/2921).

Também observamos a realização de exposições de agricultura, como a de Americh Tarres João em 1903, quando o agricultor expôs no jardim do Museu Paranaense alguns de seus enxertos (*A REPUBLICA*, 19/08/1903). A exposição de trigo, ocorrida em 1919, realizada pelo Centro Agrícola do Paraná

pelo tempo de uma semana (*A REPUBLICA*, 02/06/1919). E, seguindo esse exemplo, também foram realizadas no museu as mostras Avícola e de Canários, em 1920 (*A REPUBLICA*, 19/07/1920).

Por fim, o espaço participou das exposições do Cinquentenário da Província do Paraná (1903) e da Nacional de 1908, conforme discutiu Carneiro (2013) em sua dissertação. No jornal *A Republica* (14/05/1908), por exemplo, existem reportagens indicando o Museu Paranaense como local de trabalho da comissão, que estava “incumbida de promover a representação do Paraná na Grande Exposição Nacional” de 1908. Assim, os industriais que desejassesem representar o estado nesse evento deveriam ir até a instituição para se inscrever.

A partir desses exemplos, percebe-se que as atividades desenvolvidas no espaço museal são em datas variadas e sobre assuntos diversos. Não obstante, apesar de plurais, acreditamos que essas ações provavelmente ocorreram no Museu Paranaense devido à ligação das temáticas com o diretor Romário Martins e com pessoas próximas a seu círculo social.

Quanto à reunião da Cooperativa de trabalho, essa buscava unir “todas as classes” da cidade para a criação de um estatuto da cooperativa em Curitiba. Apesar de não termos mais informações sobre sua constituição, é possível que ela fosse composta por industriais e trabalhadores gerais da erva-mate, da estrada de ferro, comerciantes e outros artífices. Mesmo com lacunas em sua análise, escolhemos destacar esse evento, uma vez que chamou uma diversidade de pessoas para o museu.

As reuniões da imprensa paranaense e do IHGPR, por sua vez, foram realizadas evidentemente devido ao vínculo das duas instituições com o diretor. Martins, conforme já apresentado, iniciou sua carreira como auxiliar de tipografia e se tornou redator-chefe de *A Republica*, sendo também um dos fundadores do IHGPR.

Não é possível saber com certeza os porquês da escolha do Museu Paranaense como local de reuniões, mas aventando algumas possibilidades, compreendemos que, provavelmente, ou Romário Martins convidou esses grupos a se juntarem ao museu; ou esses eventos pediram ao diretor o uso desse

espaço — devido à existência de poucos locais de reunião construídos pela cidade. De toda forma, inferimos que o seu motivo de existência na instituição se deu principalmente pela sociabilidade desses grupos com Martins, em que a pessoalidade acaba por justificar as escolhas e aceites. Assim, provavelmente, a opção em se reunir nesse espaço tenha vindo de amizades e outras formas de se relacionar desenvolvidas entre essas pessoas.

As exposições, por sua vez, trabalharam temas muito caros ao Museu Paranaense, a Martins e ao Movimento Paranista, ao apresentarem relações com a agricultura e com a fauna e flora paranaense. Como se sabe, Romário Martins deixou seu cargo como diretor do museu para se tornar secretário da Agricultura do Paraná. Ele sempre prezou pelo estudo dessas temáticas. Em 1928, por exemplo, publicou o livro intitulado *Pinheiro é nativo: ahi é chão de trigo* e diversas outras obras sobre características e dados qualitativos gerais do Paraná. As três exposições citadas anteriormente, apesar de partirem de fora da instituição, estavam, assim, de acordo com suas propostas e objetivos.

Enquanto isso, pensando nas comissões para as exposições de 1903 e 1908, sabe-se que Romário Martins, de 1903 a 1928, concomitantemente à sua direção do Museu Paranaense, foi deputado estadual no Paraná. À vista disso, provavelmente a escolha do museu como espaço de organização para as comissões citadas se deu pelo próprio Martins, devido a seu cargo no Legislativo, uma vez que a organização das exposições partiu do governo paranaense.

Diante dessas situações narradas, comprehende-se a importância de Romário Martins como articulador entre o Museu Paranaense e a sociedade curitibana. Com sua gestão, o museu se mostrou de portas abertas para a utilização de seu espaço para além da visitação às suas exposições e eventos próprios. Foram expressas nesses eventos a interlocução entre a instituição e a sociedade e a constituição de um espaço de sociabilidade.

Conforme discutimos, estar em sociabilidade é estar entre “iguais”, por conseguinte, a convivência tecida no Museu Paranaense pode confirmar este local como uma área atrativa, em que seria possível “estar

à vontade" para a realização de diversos trabalhos, conversas, amizades e ideias. Nessas ideias plurais, encontramos a promoção do Paranismo, visto que, provavelmente, entre os frequentadores desses eventos estavam outros intelectuais paranaenses, artistas e políticos que concordavam com as propostas de Martins. Nas exposições do Cinquentenário do Paraná e de 1908, por exemplo, tinha-se o desejo de demonstrar a capacidade produtora do Paraná, de suas riquezas naturais e de seu desenvolvimento e progresso — ou seja, expressava-se materialmente o anseio paranista.

Além de realizar esses eventos, outro elemento de destaque a respeito do museu nas edições do jornal foram as consecutivas visitas de personalidades notáveis do período. Entendemos que essas visitas são o ponto de encontro entre as duas temáticas separadas por nós: o museu como local de reunião da sociedade curitibana e enquanto um espaço de exaltação do estado do Paraná. Assim, como decorrência desses encontros entre políticos e intelectuais, foram publicados no jornal *A Republica* diversos elogios, que foram tecidos não apenas ao Museu Paranaense, mas, principalmente, às belezas e às tecnologias da região expostas em suas salas.

Nessas visitas, observadas no periódico pelo menos de 1902 a 1919, há um padrão semelhante na textualidade veiculada pelo *A Republica*. Conforme lido na notícia de 6 de novembro de 1902:

S. Ex. o Sr. Dr. Governador do Estado visitou hoje o Museu Paranaense, mostrando-se muito agradado da nova disposição das collecções.

S. Ex. ali demorou-se mais de uma hora examinando tudo com vivo interesse.

Observamos, em um primeiro momento, a informação sobre a pessoa que visitou o espaço, no respectivo caso, o governador do estado, que acreditamos ser Francisco Xavier da Silva. Em seguida, as impressões gerais desse espectador, que obviamente são positivas.

O que lemos no jornal não é necessariamente genuíno, afinal, é um texto que passou ou mesmo foi criado por Romário Martins para ser publicado. Nesse sentido, aqui encontramos dois caminhos de análise que se entrelaçam: o primeiro percebe as ações do museu e que ocorreram no próprio

museu, enquanto o segundo se atenta à leitura do jornal sobre essas ações e sobre a instituição.

Vale lembrar que Luis Pereira (1992, p. 62) apresentou sobre o Movimento Paranista em sua obra. Segundo o autor, o importante para os paranistas “não era retratar a realidade, mas construir uma imagem do real que, por sua força simbólica, se tornaria mais forte que o próprio real”. Por conseguinte, esses elogios são fontes de grande importância para se analisar o passado, pois permitem compreender como se era buscado apresentar o Museu Paranaense a partir do jornal do órgão republicano do estado para seus leitores — e de um paranista para outro⁹.

Entre as pessoas que apreciaram o espaço do Museu Paranaense, observamos, além de Francisco Xavier da Silva, o Dr. Alfredo Ferreira, fundador de um museu de História Natural na Argentina, que, em 18 de maio de 1904, “Visitando hontem o Museu Paranaense, teve elogios para o seu desenvolvimento e methodo, que, disse, não supoz existir numa capital nova como a nossa” (A REPUBLICA, 1904). Há também a notícia do ministro francês Charles, em 1907, que também conheceu o Banco do Paraná e o Jardim de infância, “sahindo bem impressionado desses estabelecimentos” (A REPUBLICA, 26/08/1907). Os jornalistas italianos Prof. Angelo Bonfanti e Fernanda Pera de Bonfanti, em 1909, segundo Martins,

(...) se disseram satisfeitos com a visita, aplaudindo que o Estado mantenha um centro de informação e estudo como o Museu, onde o viajante encontra o subsidio de que precisa para conhecer das forças productoras e da riqueza natural do Paraná (A REPUBLICA, 25/02/1909).

Além do padrão entre os elogios, que expressam boa impressão pela existência de um espaço para guarda das riquezas históricas e naturais do estado, essas pessoas não são brasileiras. Nessas matérias, argentinos, franceses e italianos revelam o Museu Paranaense como uma das principais instituições do estado. Esses convidados, devido aos seus cargos políticos e intelectuais, e por serem estrangeiros, são considerados ilustres e motivo de destaque para o jornal ao visitarem o museu. Essa situação também se repete com a

⁹ Isso não quer dizer que os elogios eram invenção do jornal, ou que o museu não era, realmente, interessante.

visita do agente japonês de colonização Takeo Goto, em 11 de novembro de 1910¹⁰; do escritor francês Paul Adam, em 4 de julho de 1912; do botânico sueco Pedro Dusén, em 15 de abril de 1914; e do naturalista alemão Ricardo Krone, em 29 de fevereiro 1917¹¹.

Apesar de existirem em número minoritário durante a década de 1910, as reportagens sobre visitação no museu também são realizadas com personalidades locais. Como exemplo, cita-se a visita de Pamphilo d'Assumpção, advogado e diretor do Comercio do Paraná, que foi veiculada com a escrita deixada por este no livro de visitantes:

Na visita que hoje fiz ao Museu foi me dado o prazer de examinar colleções ainda não expostas que enriquecem este estabelecimento, maxime a da flora paranaense, cuidadosamente organisada e classificada. Com satisfação constatei que o illustre patrício Coronel Romario Martins procura angmentar com carinho e solicitude as collecções do Museu que tão competentemente dirige (A REPUBLICA, 10/07/1916)

Nesse excerto é clara a relação entre o sucesso do museu, o Paraná e Romário Martins. Os três pontos são vinculados ao afirmar que as coleções musealizadas expressam a rica flora paranaense e foram compostas pelo trabalho árduo de Martins.

Até o presente momento, fica evidente nossa hipótese acerca da constituição da identidade paranista no Museu Paranaense e vice-versa. Isso é evidenciado pela sociabilidade apresentada pelo espaço, em que se percebe a possibilidade de diálogo entre os paranistas e seus convidados, como também pelas visitas e elogios tecidos por essas pessoas à instituição, uma vez que o museu passa a servir de exemplo para se observar as riquezas do Paraná. De acordo com o lido até o momento, sabemos que o estado seria possuidor de rica natureza, ao mesmo tempo que teria a capacidade de modernizar e realizar o progresso científico de suas cidades.

Ademais, junto desse argumento, ainda se observa no jornal a incorporação feita pelo Museu Paranaense de objetos doados para as suas coleções. Isso é feito com o objetivo de legitimar o passado do estado e de perpetuar na história os nomes de seus grandes heróis.

¹⁰ Todas as datas citadas são referentes às edições respectivas do Jornal A Republica.

¹¹ Segundo o jornal, junto de Dussen — que doou seus volumes escritos sobre exemplares da botânica da região —, a visita foi realizada por políticos paranaenses.

Entre esses itens doados, encontramos uma “chave molgada por bala de Barão do Serro Azul”, que, segundo *A Republica* (22/12/1921), estaria presente no bolso do Barão quando assassinado na Serra do Mar, em 1894; e também objetos pertencentes ao tenente Carlos Andrade Neves (*A REPUBLICA*, 20/08/1920).

Barão do Serro Azul, de acordo com o jornal, foi assassinado injustamente¹² ao tentar salvar Curitiba das tropas federalistas, enquanto o tenente Carlos Andrade Neves seria um ilustre paranaense morto durante a Primeira Guerra Mundial, na França, “que deixou a vida batalhando em defesa de sua paixão pela liberdade humana”¹³.

Por fim, encaminhando para as conclusões de nosso texto, na edição de 1919 de *A Republica*, lemos a matéria intitulada “Visita de Romário Martins e Raul Pericles ao Museu Paranaense” (*A REPUBLICA*, 28/08/1919). Nesse escrito, observamos uma forma de sintetizar grande parte do pensamento expresso em nosso artigo até o momento:

O Museu Paranaense
Uma visita ao notável estabelecimento
Impressão indelevel
(...)

Tendo o seu nome particularmente ligado à história do Paraná pelas rebuscas a que se tem devotado relativamente à descoberta e à catalogação de quanto respeita às tradições de toda ordem de sua terra, desde os feitos heroicos dos seus antepassados ao mais complicado discernimento dos factores étnicos que actuaram mais fortemente na constituição do povo paranaense, muito se parecendo com o nosso pranteado Irineu Pinto, a quem tanto deve a história da Parahyba -- o Romário entendeu de levar-nos ao Museu Paranaense, de sua direção, para que assim podessemos robustecer o nosso conceito da terra dos pinheiros e das araucárias por uma informação mais precisa de coisas ao alcance do nosso raio visual.

Eram dez horas quando ambos penetraram no edifício do Museu e ao transpor logo o seu humbral fomos possuindo desse extasiamento

¹² A partir do texto veiculado, podemos observar a constituição do contraditório personagem como um herói paranaense, pois “O sr. Ildefonso Serro Azul ofereceu ao Museu Paranaense um objecto que sua digníssima progenitora a veneranda patrícia senhora Baronesa do Serro Azul, conservou sempre, como preciosa relíquia de um dos dias mais tristes de nossa história e do seu boníssimo coração tão comoventemente torturado” (*A REPUBLICA*, 22/12/1921).

¹³ Aqui vale atenção para o tenente Andrade Neves, um dos poucos brasileiros que atuou na Primeira Guerra Paranaense, membro da Missão Aché, faleceu de gripe espanhola em 1918, na França.

que nem sempre podemos conter quando o propelle a vibração de uma forte emoção.

Em primeiro logar attrahiu-nos a distribuição perfeita de tudo quanto se encontra exposto naquelle departamento publico do Paraná, o que nos mereceu o louvor franco e sincero.

Embora soubessemos da existencia no Paraná do seu importante Museu, bem longe eramos de suppor que elle fosse um estabelecimento scientifico de tão relevante valia.

(...)

Distribuindo em secções, cuja ordem não podemos conservar nestas letras, por maior que seja o nosso esforço mnemonico nesse sentido, o Museu Paranaense é um dos mais ricos estabelecimentos nas raridades de sua especie.

[...]

Acham-se methodicamente colleccionados todos os symbolos de vidas já vividas, de tradições e de costumes desapparecidos, o que resulta dessa admiravel capacidade organisadora de Romario Martins.

[...]

De modo que de tudo o que vimos no Museu Paranaense nos ficou esta impressão que aqui deixamos registrada, para que outros a procurem e que não pôde ser levado a bom termo pela deploravel insufficiencia das nossas letras e do nosso pensamento.

Raul Pericles.

De acordo com Raul Pericles¹⁴, o Museu Paranaense estaria diretamente ligado à História do Paraná, afinal, buscava descobrir e catalogar tradições, feitos heroicos e fatores étnicos do passado do estado. Segundo suas impressões ao conhecer o espaço, as raridades presentes no museu e seu conteúdo científico de grande valia causaram nele um deslumbramento. Assim, para além de enaltecer o Museu Paranaense, também evidenciou a figura de Romário Martins¹⁵ como o responsável por essa organização e grandiosidade.

A instituição seria um importante local para se enriquecer de conhecimento e reconhecer o passado, pois, nas palavras de Péricles, o Museu Paranaense seria “um dos mais ricos estabelecimentos nas raridades de sua espécie”.

¹⁴ O autor dessa matéria é Raul Péricles, nome encontrado diversas vezes no jornal *A República*. Ele foi autor de outros textos sobre sociedade e política, além de ter publicado anúncios como advogado. Segundo o mesmo periódico, ele também foi juiz municipal de São José dos Pinhais/PR.

¹⁵ Devido à sua competência, assemelhava-se a Irineu Pinto (1881-1918), importante nome da cultura e história paraibana no início do século XX. Irineu Pinto, entre diversas coisas, foi fundador do Clube Benjamin Constant e um dos sócios fundadores do Instituto Histórico Geográfico Paraibano — assim como Martins, que foi fundador do Instituto Histórico Geográfico Paranaense.

Nesse texto são levantadas as principais tópicas paranistas, isto é: tradição e heróis do estado; o Paraná como terra dos pinheirais; e o esforço de Romário Martins ao catalogar e procurar construir conhecimento sobre os itens do museu. Essas temáticas relacionadas acabam por demonstrar parte dos ideais expressos pelo movimento, uma vez que correlacionam o passado, o presente, a flora paranaense, a grandiosidade das instituições, o trabalho de seus intelectuais e a destreza de Martins.

Considerações finais

Diante do trabalho com o jornal *A Republica*, acreditamos ter contribuído para a historiografia paranaense ao analisarmos as relações entre o Paranismo e o Museu Paranaense a partir da sociabilidade curitibana, temática pouco explorada nas produções bibliográficas.

Nesse sentido, destacamos como alguns dos resultados de nosso texto: i. a percepção das funções e relevância do Museu Paranaense para a cidade de Curitiba — incluindo o conhecimento de parte dos encontros realizados na cidade; ii. as relações entre as temporalidades passado, presente e futuro, constituídas pela instituição e também muito pensadas pelo Paranismo; iii. a associação paranista corrente no Museu Paranaense a partir dos conceitos de cognitivo e afetivo; e iv. a compreensão de que os elogios realizados à instituição eram, ao mesmo tempo, para o museu e para estado do Paraná.

A fim de constituir nossa argumentação de maneira clara, separamos aqui esses tópicos citados. Contudo, é impossível pensá-los separadamente, pois, direta ou indiretamente, são vinculados e/ou resultados um do outro. Acreditamos que, ao entendermos a função e relevância do museu para a cidade de Curitiba, também percebemos que a instituição não seria apenas um espaço de memória, de “guarda” dos objetos de nossa terra, mas um local para realização de eventos e, por conseguinte, de sociabilidade. Essas relações intersubjetivas ocorridas dentro desse espaço provavelmente proporcionaram a criação de diversas ideias, conflitos e amizades, além de colaborarem para a fixação dos ideais paranistas no respectivo contexto curitibano.

Ao observarmos o museu como um espaço vivo e dinâmico, percebemos, dentro dele, as possibilidades intertemporais e afetivas paranaenses dispostas. Isto é, ao tocar temas e períodos diversos, junta-se o cognitivo, suas produções científicas, salas e acervo de etnologia, antropologia, história natural e outras mais, ao afetivo.

Criado como gabinete de curiosidades, o museu, ao longo dos anos, foi se reformulando, mas desde o início esteve implicitamente vinculado aos sentimentos de nação, pertencimento e nostalgia. A volta ao passado pelo presente, longe de ser uma ação infrutífera ou ingênua, esteve repleta de objetivos, anseios e tensões — momento em que se escolhe o que se pretende recuperar e contar como história. No caso do Museu Paranaense, conforme lemos na historiografia e no jornal *A Republica*, buscou-se rememorar itens diversos sobre o Paraná, nos quais se encontravam acervos em que se configuravam heróis, belezas naturais e a comprovação desse grande passado.

A constituição da identidade paranaense, assim, foi estimulada pelo museu a partir do acervo exposto, de suas ações em prol da constituição de conhecimento científico acerca do estado, de seus elogios tecidos ao Paraná, de ser um espaço de memória e sociabilidade. Nesse sentido, a gestão de Romário Martins foi essencial para o fortalecimento e a propagação dos ideais paranistas, ao menos no cenário intelectual curitibano. O historiador usufruiu de seu posicionamento enquanto diretor para fazer desse espaço museal um local de divulgação de suas concepções e das percepções dos grupos sociais em que estava inserido.

Referências bibliográficas

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Os Primórdios do Museu: da elaboração conceitual à instituição pública. São Paulo: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História, v. 17, p. 281-315, 1998.

CAMARGO, Geraldo Leão Veiga. Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná: 1853 - 1953. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CARNEIRO, Cíntia Braga. O Museu Paranaense e Romário Martins: a busca de uma identidade para o Paraná. Curitiba: SAMP, 2013.

FONSECA, Barbara. Paranismo, neo-paranismo e as mídias sociais: um estudo dos símbolos paranaenses na gestão Greca a partir do Facebook (2016–2021). *Temáticas*, v. 29, n. 58, p. 192-222, 2021.

FONSECA, Barbara. Entre Colunas e Pinheiros: a Recepção da Antiguidade nas obras paranistas de João Turin (1927-1930). 133 f. Dissertação (mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla. *Fontes Históricas*. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Romário. *Paranistica*. In: A DIVULGAÇÃO. Curitiba. fev-mar. 1946.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Os museus e as ambiguidades da memória: a memória traumática. In: ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS, 10., 2018, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: SISEM, 2018.

MUSEU PARANAENSE. Boletim do Museu Paranaense. Curitiba: Museu Paranaense, n. 1, p.4, 1904.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes. Paranismo: o Paraná inventado: Cultura e imaginário no Paraná da I Republica. 2. ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

PILOTTO, Osvaldo. Cem anos de imprensa no Paraná (1854 - 1954). Curitiba: IGPEH, 1976.

RODRIGUES, Ricardo Carvalho. Caminhos, contextos, ações museológicas e interações com a sociedade. Curitiba: SAMP, 2018.

SALTURI, Luis Afonso. O movimento paranista e a revista *Ilustração Paranaense*. *Temáticas*, Campinas, 22, pp.127-158, fev./jun. 2014.

Fontes

A REPUBLICA, 08/09/1902

A REPUBLICA, 06/11/1902

A REPUBLICA, 19/08/1903

A REPUBLICA, 18/05/1904

A REPUBLICA, 03/08/1904

- A REPUBLICA, 26/08/1907
- A REPUBLICA, 14/05/1908
- A REPUBLICA, 25/02/1909
- A REPUBLICA, 10/07/1916
- A REPUBLICA, 08/04/1919
- A REPUBLICA, 02/06/1919
- A REPUBLICA, 28/08/1919
- A REPUBLICA, 19/07/1920
- A REPUBLICA, 22/12/1921
- A REPUBLICA, 22/12/1921
- A REPUBLICA, 27/12/1921
- DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1883, ed. 69